

IDENTIDADE E GÊNERO NAS OBRAS *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS E *IRACEMA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

Viviana Vieira Pimentel (UESPI)
Algemira de Macedo Mendes (UESPI)

RESUMO: O trabalho ora proposto, que discute os temas: gênero e identidade nas obras brasileiras *Iracema*, de José de Alencar (1865), e *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (1859), pretende verificar como estão circunscritos os processos de construção identitária das protagonistas femininas, mediante uma perspectiva comparativa entre os romances brasileiros supracitados. Parte-se do pressuposto de que ambas as obras são tributárias de um mesmo contexto histórico, ao que esta apresentação buscará ressaltar as semelhanças entre as personagens femininas as quais consistem na influência estética do romantismo para a construção dessas protagonistas, além da transgressão das personagens que contrapõem-se aos seus destinos pré-estabelecidos. Com vista a investigação dos objetivos mencionados, utilizar-se-á a pesquisa do tipo bibliográfica, cujo método remete para a análise qualitativa. Para tanto toma-se, como fundamentação teórica para esta análise, as discussões acerca de gênero e identidade propostas pelos autores Judith Butler (2006), Simone de Beauvoir (2000), Guacira Louro (2014) e Stuart Hall (2011).

Palavras-chave: Gênero. Identidade. Romantismo

1 Introdução

Este trabalho pretende fazer uma análise entre duas obras românticas da literatura brasileira ambientadas no período colonial do Brasil: *Iracema* (1865), de José de Alencar e *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, com o objetivo de discutir os processos de construção identitária feminina por meio de uma perspectiva comparativa entre as personagens protagonistas dessas duas narrativas, seguindo uma temática voltada para literatura, identidade e gênero.

A delimitação dada ao tema diz respeito à construção das identidades das personagens femininas *Iracema* e *Úrsula*, com o intuito de responder os seguintes questionamentos através da pesquisa aqui proposta: Quais processos formaram as construções identitárias da mulher dentro das obras *Iracema* (1865) e *Úrsula* (1859)?

Quais as semelhanças entre as personagens protagonistas? Quais aspectos tornam as personagens transgressoras e subversivas às condições impostas a elas?

Com vista à investigação dos objetivos mencionados, utilizou-se a pesquisa do tipo bibliográfica, cujo método remete para a análise qualitativa com análise de textos. Para tanto toma-se, como fundamentação teórica para este trabalho, as discussões e os conceitos acerca da literatura brasileira, gênero e identidade discutidos por autores como Proença (1995), Judith Butler (2006), Simone de Beauvoir (2000), Guacira Louro (2014) e Stuart Hall (2011).

A escolha do método justifica-se pelo emprego das concepções sobre identidade feminina e das teorias de gênero atreladas às personagens principais em análise do corpus eleito. Foram utilizados como corpus as obras *Iracema* (1865), de José de Alencar e *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, além de fichamentos dos teóricos que discutem gênero e identidade.

O intuito foi fazer uma observação cautelosa entre as duas obras, pontuando suas características, ou seja, ressaltando suas semelhanças e divergências, verificando quais são as implicações e a funcionalidade do estudo das personagens dentro de ambos os enredos.

Essa pesquisa se justifica pela percepção da interação entre as ciências humanas e a literatura, e da importância que os estudos de gênero aliados aos literários têm como fonte que contribui com a análise dos processos de construção da identidade da mulher, uma vez que a literatura, muitas vezes, está relacionada à realidade de determinados contextos históricos, que pode contribuir significativamente para compreensão e análise de uma sociedade.

2 Gênero e identidade nos romances *Úrsula* (1859) e *Iracema* (1865)

A mulher, dentro da sociedade, por muito tempo esteve inserida em um contexto de dominação por uma figura masculina, o que ainda perdura como problema no mundo pós-moderno. No entanto, as obras em análise foram publicadas no século XIX e ao

falar em gênero, observa-se nas duas narrativas a problemática da mulher e a presença do falocentrismo.

No século XIX, as mulheres, por sua função materna, estavam relegadas ao espaço privado, exercendo atividades estritamente ligadas ao plano doméstico, como o cuidado com a casa e os filhos. Elas carregavam o estigma de seres dotados de menor fragilidade física e emocional. Ou seja, à mulher, erroneamente, eram destinados vários papéis sob uma justificativa biológica que as classificava como inferiores aos homens.

Úrsula (1859) é uma obra que trata fortemente de problemas de gênero e também étnicos, no caso, a opressão dos afrodescendentes. Assim, futuramente, após o surgimento do feminismo, Beauvoir, ao escrever *O segundo sexo* comenta as semelhanças entre os problemas étnicos e de gênero:

Mas há profundas analogias entre a situação das mulheres e a dos negros: umas e outros emancipam-se hoje de um mesmo paternalismo e a casta anteriormente dominadora quer mantê-los em “seu lugar”, isto é, no lugar que escolheu para eles; em ambos os casos, ela se expande em elogios mais ou menos sinceros às virtudes do “bom negro”, de alma inconsciente, infantil e alegre, do negro resignado, da mulher “realmente mulher”, isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem. (BEAUVOIR, 2000, pp.17-18)

Beauvoir, no trecho acima, compara e explicita uma denúncia a respeito das estratégias de dominação de mulheres e negros utilizadas pelas figuras dominantes masculinas e como se percebem semelhanças entre a situação de ambos oprimidos. Para Beauvoir, “não se nasce uma mulher, torna-se uma”, pois afirma que o gênero foi construído culturalmente.

Da mesma forma, a respeito da relação entre identidade e gênero Butler diz que:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gêneros da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2010, p. 20)

Assim, a autora explica que o conceito em estudo não define totalmente uma pessoa, pois ele interage com outras opções de identificação, como as questões étnicas e sociais.

Faz-se necessário entender que o gênero é constituinte da identidade dos sujeitos. A autora Guacira Louro (2014) explica o conceito de identidade e reafirma a sua complexidade. Assim, ela cita o conceito de Stuart Hall (2011) em que afirma o sujeito como um ser de identidades múltiplas, plurais e que, ainda, não as apresenta de maneira estável ou permanente, pois estão em constante processo de construção, por isso são descentradas ou, até mesmo, contraditórias. Além disso, “o gênero institui a identidade do sujeito”, como também a etnia, a classe, a nacionalidade, dentre outros. Para tanto, compreende-se que o gênero faz parte do sujeito, constituindo-o.

Louro (2014) fará a distinção entre identidades sexuais e identidades de gênero em que nós, frequentemente, as confundimos. Para a autora as identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero.

Ao falar em identidade e gênero é necessário evidenciar que esses conceitos possuem relevante complexidade no campo das ciências, principalmente, por não serem algo definitivo. De acordo com Hall (2011), a identidade é um processo que está sempre em formação, ou seja, em construção. Assim, isso contradiz a ideia de um conceito fixo e de um ser único e centrado porque as relações sociais, bem como as mudanças que acontecem nessas relações entre as pessoas, contribuem para a formação identitária de um indivíduo. Ao explicar sobre o conceito em questão Hall afirma:

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade

surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2011, p. 38)

Assim, é possível perceber que em vez de pensar na identidade como algo pronto ou acabado, deve-se entender que muitos fatores vão contribuir para a construção identitária de um indivíduo. Além disso, tal processo é, muitas vezes, inconsciente, pois ocorre sem que o homem perceba. Hall, sobre esse conceito, afirma ainda que:

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (HALL, 2011, p.96-97)

José de Alencar, ao escrever *Iracema*, pretendia construir uma literatura nacional utilizando elementos tipicamente brasileiros para que eles representassem uma identidade brasileira. Dessa forma, escolheu o índio como representante da colônia, descrevendo-o de maneira idealizada. Hall, ao falar da identidade nacional diz:

As culturas nacionais, ao produzir sentido sobre a “nação”, sentido com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre as nações, memória que conectam seu presente com seu passado e imagem que dela são construídas. (HALL, 2011, p. 51)

Assim como o conceito de identidade, a definição de gênero também apresenta complexidade, pois ambos os conceitos não são algo definitivo, mas assim, processos em dinâmica transformação.

Com isso, Hall (2011) explica que o conceito que temos de nação é uma das formas pelas quais o homem se identifica, pois a língua e a cultura de um povo são elementos absorvidos e reconhecidos como características que os unem. A partir disso,

José de Alencar resolveu em *Iracema* utilizar características que pudessem identificar o Brasil, que até então era composto por diferentes etnias: portugueses, índios e africanos.

3 Perfis das protagonistas Úrsula e Iracema

Em *Úrsula* (1859), observa-se que Maria Firmina dos Reis também construiu personagens que contribuíram para análise da formação identitária étnica do Brasil colônia no século XIX. A autora, de maneira inovadora, descreveu os negros escravizados da narrativa de maneira diferente da qual já haviam sido descritos. Eles desempenharam grande importância nos acontecimentos da trama, além de serem construídos com características de lealdade, força e coragem. No entanto, a personagem da obra a ser estudada neste trabalho é a protagonista, que não é negra, mas sim uma típica heroína romântica.

Na literatura brasileira a figura feminina foi construída com um perfil multifacetado, mutante e até mesmo contraditório. Autores oitocentistas como Alencar foram influenciados pelas condutas de comportamento que a mulher da época deveria assumir. As qualidades comumente enaltecidas eram: fragilidade, virgindade, submissão, extrema sensibilidade, fidelidade amorosa e maternidade. Muitas dessas características encontram-se em ambas as personagens protagonistas das narrativas em análise.

Observa-se que a mulher representada na literatura, muitas vezes, encontra-se à sombra do perfil masculino de herói. Tanto em *Iracema* (1859) quanto em *Úrsula* (1865) pode-se perceber que as figuras masculinas estão em maior destaque dentro das tramas.

Além disso, a idealização feminina foi um fator que contribuiu para a formação do perfil das personagens. As protagonistas românticas em análise, em especial *Iracema*, além de belas e idealizadas, são descritas também como submissas, porém com atitudes transgressoras dentro das obras. A figura do homem era o centro, refletindo características da sociedade do tipo patriarcalista. Em *Úrsula* (1859), observa-se que seu tio Fernando, nesta trama, representa o papel do homem patriarcal tirano e opressivo.

Sobre a idealização feminina Domicio Proença (1995) diz: “A mulher, entre os românticos, aparece convertida em anjo, em figura poderosa, inatingível, capaz de mudar a vida do próprio homem”. Assim, observa-se que as personagens em análise apresentam essas associações à pureza dos anjos ou da natureza.

Tais características, em *Iracema* (1865), podem ser evidenciadas no seguinte trecho de Alencar (1999, pág. 3): “A virgem dos lábios de mel que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira”. Neste exemplo, a beleza da personagem se funde com a da natureza, pois é como se ambas fossem uma só. Nesta obra, todos os elementos se curvam às feições da personagem.

Em *Úrsula* (1859), Maria Firmina ao descrever a personagem, enfatiza caridade e compaixão presentes na construção da identidade da protagonista. Tais características podem ser evidenciadas na passagem:

Úrsula, a mimosa filha de Luísa B..., a flor daquelas solidões, não adormecera um instante. É que agora esse anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diuturnos cuidados, que dava a sua mãe enferma; e assim duplicadas as suas ocupações sentia fugir-lhe nessa noite o sono. Bela como o primeiro raio de esperança transpunha ela a essa hora mágica da noite o limiar da porta, em cuja câmara debatia-se entre dores e violenta febre o pobre enfermo. (REIS, 1988, p.17)

Nesse trecho, a personagem Úrsula demonstra toda a compaixão e passa a dedicar-se a mais um enfermo, além de sua mãe. Tais características revelam uma mulher vista como um “anjo”, pois além de viver somente para os cuidados da enferma mãe, dentro da narrativa, ela é comparada a outra personagem, Adelaide, que representa o seu oposto e que, no início da trama, troca o noivado com Tancredo pelo casamento com o pai dele. Esta personagem é descrita pela autora como “uma mulher bela e sedutora, dessas que enlouquecem a primeira vista” Reis (1988, p.58), além de ser chamada de monstro, “mulher infame” e perjura, representando, portanto, o “demônio”, uma mulher cruel e sem escrúpulos.

Além disso, também se podem perceber as características de “mulher anjo” presentes em *Iracema* quando ela quebra a flecha que fere Martim, no início da trama, em sinônimo de paz, demonstrando que ela sentiu compaixão por ter ferido o guerreiro até então desconhecido.

Outro trecho em que se pode perceber a idealização romântica da protagonista Úrsula é quando Reis (1988, p.18) a descreve da seguinte maneira: “Ela era tão caridosa... Tão bela..., e tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos, e melancólicos.” Assim, demonstra que Úrsula é um ser de extrema bondade e aquela que se sacrifica por aqueles que ama.

Em Iracema, a personagem principal renuncia a sua tribo, valores e costumes para servir ao branco. Dessa forma, ela faz jus ao modelo de mulher romântica, fiel ao amado, devota, acompanhando-o por onde ele for. A figura central estava concentrada no colonizador e amante da protagonista, que estava representado com a construção de herói.

Nas duas narrativas permeia o sentimentalismo, além da questão do amor “proibido” e da cegueira irracional da paixão. Tanto Iracema quanto Úrsula apresentam impedimentos na concretização de seus romances com seus respectivos heróis e ambas estão dispostas a correr todos os riscos para concretizar esse amor.

A característica do desejo pela liberdade de decidir o próprio destino, sem que outros ditassem como e com quem elas deveriam viver diz bastante a respeito da identidade das personagens protagonistas, mostrando que elas eram personagens transgressoras, pois, ainda que tenham sido idealizadas tal qual o modelo de mulher exaltada no período oitocentista, elas mostraram-se subversivas às condições que lhes eram impostas.

Maria Firmina construiu uma personagem que se mostrou transgressora, ou seja, que fugia à regra, pois resolve lutar contra a tirania de seu tio, o vilão da trama. Isso demonstra que, ao fugir, a personagem não aceitava a dominação imposta pelo antagonista Fernando, que queria desposá-la contra a sua vontade, obrigando-a a abandonar o lugar onde vivia para poder ser feliz ao lado do homem que ela escolhera amar. Assim, torna-se evidente a crítica que Maria Firmina faz aos abusos de poder das figuras patriarcais.

Da mesma forma, Iracema, mesmo que aparente total submissão, também revelou-se uma personagem transgressora à medida que dispôs de muita coragem para

abandonar suas raízes, demonstrando também, em alguns capítulos, certo remorso por largar a sua família. Isso ocorria quando Martim necessitava ausentar-se para guerrear com os pitiguaras, deixando-a sozinha. Isso trazia para ela profunda tristeza e culpa por não estar com sua tribo, porém, quando seu amado retornava, ela logo se esquecia deste arrependimento.

A transgressão em Úrsula ocorre quando esta, subordinada a seu tio - assassino de seu pai - recusou-se a aceitar tal condição a qual estava forçosamente submetida: a de mulher submissa às vontades do homem. Ainda assim, mesmo com tal transgressão, as personagens em análise apresentaram muitos estereótipos de heroína romântica. Isso é perceptível, pois, por Tancredo, seu amado, a personagem estava disposta a dar a própria vida por ele.

5 Considerações Finais

Faz-se necessário ressaltar que as semelhanças entre as personagens românticas, além da influência estética do romantismo, revela que há elementos contraditórios em suas identidades, pois as protagonistas se mostram subversivas aos valores que lhes eram impostos. Isso ocorre porque a fuga demonstra que a protagonista Úrsula era uma personagem revolucionária, pois não aceitou ser submetida às vontades de seu tio. Assim, fugir evidencia ainda que a personagem havia feito algo transgressor, ato de extrema coragem, pois desafiou o poder do mais forte em busca da sua felicidade. O mesmo ocorre com a protagonista Iracema, pois ainda que aparente submissão cega ao amado, também recusou-se a viver o que, na sua sociedade, estava pré-determinado para ela.

Portanto, mesmo com fortes características de mulheres românticas e a aparente submissão feminina das personagens aos seus respectivos heróis, nas duas tramas, as protagonistas demonstravam que queriam a liberdade de decidir o próprio destino, sem que outros ditassem como e com quem elas deveriam viver. Essas características dizem bastante a respeito da identidade das protagonistas, pois ao mesmo tempo eram transgressoras à medida que resolveram escolher um destino diferente daquele que já

lhes estava pré-destinado. Tais atitudes eram fortes marcas que representavam essas personagens, ainda que tenham sido idealizadas tal qual o modelo de mulher exaltada no período oitocentista.

Assim, faz-se necessário observar que, a influência estética do romantismo com a presença da idealização é uma das poucas semelhanças entre as duas obras em análise. Nota-se, pois, que Alencar estava pautado no ideal nacionalista de uma literatura comprometida com a construção de uma ideia de nação, enquanto Maria Firmina deu destaque à violência em que senhores tratavam os escravos e as mulheres. Os autores das obras em análise tinham temas e objetivos diferentes em seus romances.

Referências

ALENCAR, José de. **Iracema**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BAILEY, Cristina Ferreira Pinto. Uma nova Iracema: a voz indígena na obra de Eliane Potiguara. In **Revista Ibero-Americana**. Vol. LXXVI, Núm. 230, Enero-Marzo 2010, 201-215. Disponível em: < <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/6656/6832>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova. 2000.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 1983.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

COSTA, Sueli Silva Gorricho; FRAGA, Nilce Ramos da Silva; SILVA, Paula Nascimento Forcinetti. Iracema, Lúcia e Aurélia: três personagens femininas sob o olhar de um escritor romântico. In **Revista Nucleus**. [v. 6, n. 2 \(2009\)](#). Disponível em: < <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/179>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENDES, Algemira de M. Maria Firmina dos Reis: um marco na literatura afro-brasileira do século XIX. In XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. **Anais**. 13 a 17 de julho de 2008 - USP – São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ALGEMIRA_MENDES.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2014.

MOREIRA, Greiciellen Rodrigues, MAIA, Cláudia de Jesus. Transgressão/submissão feminina em *Lucíola* e *Senhora*, de José de Alencar. In *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. **Anais**. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278249594_ARQUIVO_Transgressao-SubmissaofemininaemLuciolaeSenhora,deJosedeAlencar.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2014.

NÓBREGA, Francisca Vânia. Perfis da mulher na literatura brasileira: uma leitura intertextual da identidade feminina. In **Itaporanga**. 2010. Disponível em: <<http://www.itaporanga.net/genero/1/GT02/102.pdf>> Acesso em: 19 mai. 2014.

PROENÇA, Domício. **Estilos de época na literatura: Através de textos comentados**. São Paulo: Ática, 1995.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Presença; INL, 1988.

SOUZA, Jair Gomes de. *Iracema*, *Aurélia* e *Lucíola*: Amor e honra no perfil moral e social feminino das personagens alencarianas. In UESC. Seminário Mulher. **Anais**. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/JAIR%20GOMES%20DE%20SOUZ A.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.